



SEÇÃO: ESTUDOS BAKHTIANIANOS CONTEMPORÂNEOS

## Contribuições bakhtinianas para um feminismo dialógico

*Bakhtinian Contributions for a Dialogic Feminism*

*Aportes bajtinianos a un feminismo dialógico*

**Maria da Glória Corrêa  
di Fanti<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-5399-5377](https://orcid.org/0000-0002-5399-5377)  
[gloria.difanti@pucrs.br](mailto:gloria.difanti@pucrs.br)

**Débora Luciene Porto  
Boenavides<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-4389-8784](https://orcid.org/0000-0002-4389-8784)  
[professoradeboraporto@gmail.com](mailto:professoradeboraporto@gmail.com)

**Luciane Alves Branco  
Martins<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-4203-022X](https://orcid.org/0000-0002-4203-022X)  
[Luciane.Martins75@edu.pucrs.br](mailto:Luciane.Martins75@edu.pucrs.br)

**Recebido em:** 16/11/2021.

**Aprovado em:** 17/11/2021.

**Publicado em:** 10/02/2022.

**Resumo:** Há mais de 170 anos, feministas questionam o conceito de mulheridade, observando como a definição do que é ser mulher perpassa múltiplas e complexas questões. A diversidade da categoria "mulher" impulsionou a construção de vários conceitos, teorias e metodologias no arcabouço feminista, tais como a interseccionalidade, o lugar de fala, a teoria do ponto de vista, os saberes localizados, o feminismo negro, o feminismo decolonial, o feminismo dialógico, entre outros. Lídia Puigvert e Márcia Tiburi têm teorizado sobre o feminismo dialógico, demonstrando que é possível pensar em um feminismo que, por meio de um posicionamento ético, como um lugar de fala e de escuta, de diálogo e de solidariedade entre diferentes vozes, perceba as desigualdades sociais e lute contra as diversas formas de opressão. Neste artigo, visamos desenvolver uma reflexão a partir do cotejamento de ideias propostas por Lídia Puigvert e Márcia Tiburi sobre o feminismo dialógico com alguns conceitos propostos por Mikhail Bakhtin, verificando de que modo o pensamento bakhtiniano pode colaborar para um feminismo dialógico. Com esta reflexão, é possível observar que muitos conceitos elaborados por Bakhtin, como diálogo, relações dialógicas, heterodiscurso, posições axiológicas, ato ético, alteridade e excedente de visão, podem contribuir para um feminismo dialógico, tanto como teoria quanto como práxis, iluminando facetas de uma abordagem de alto poder heurístico para promover espaços democráticos plurais.

**Palavras-chave:** Alteridade. Ato ético. Diálogo. Heterodiscurso. Feminismo dialógico.

**Abstract:** For over 170 years, feminists have questioned the concept of womanhood, noting how the definition of what it means to be a woman encompasses diverse and complex issues. The diversity of what the category "woman" represents has led to the creation of different concepts, theories, and methodologies within the feminist realm, such as intersectionality, standpoint theory, situated knowledges, Black feminism, decolonial feminism, dialogic feminism, and others. Lídia Puigvert and Márcia Tiburi have theorized about dialogic feminism, demonstrating it is possible to think of a feminism that considers social inequalities and fights against different forms of oppression by adopting ethical listening and speaking standpoints, dialogue, and solidarity between different voices. In this paper, we seek to collate ideas from Lídia Puigvert and Márcia Tiburi on dialogic feminism and concepts from Mikhail Bakhtin. Our goal is to verify how a Bakhtinian perspective contributes to dialogic feminism. With this analysis, we observe that several concepts proposed by Bakhtin, such as dialogue, dialogical relations, heteroglossia, axiology, ethic act, alterity, and surplus, may contribute to dialogic feminism, both in theory and in practice, as they may highlight aspects of a powerful heuristic approach that can encourage plural and democratic spaces.

**Keywords:** Alterity. Ethic act. Dialogue. Heteroglossia. Dialogic feminism.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

**Resumen:** Hace ya más de 170 años que las feministas cuestionan el concepto de mujeridad, observando cómo la definición de lo que es ser mujer involucra múltiples y complejas cuestiones. La diversidad de la categoría "mujer" ha dado lugar a la construcción de varios conceptos, teorías y metodologías en el andamiaje feminista, como los de interseccionalidad, lugar de habla, la teoría del punto de vista, los saberes situados, el feminismo negro, el feminismo decolonial, el feminismo dialógico, entre otros. Lidia Puigvert y Márcia Tiburi han teorizado sobre el feminismo dialógico y han demostrado que es posible pensar en un feminismo que, asumiendo un posicionamiento ético, como un lugar de habla y de escucha, de diálogo y de solidaridad entre diferentes voces, perciba las desigualdades sociales y luche contra las diversas formas de opresión. En este artículo, buscamos desarrollar una reflexión a partir del cotejo de ideas propuestas por Lidia Puigvert y Márcia Tiburi sobre el feminismo dialógico con algunos conceptos planteados por Mijaíl Bajtín, verificando de qué modo el pensamiento bajtiniano puede colaborar con un feminismo dialógico. Por medio de esta reflexión, se constata que muchos conceptos elaborados por Bajtín, como los de diálogo, relaciones dialógicas, heterodiscurso, posiciones axiológicas, acto ético, alteridad y excedente de visión, pueden contribuir a un feminismo dialógico (como teoría y praxis) al iluminar facetas de un abordaje de alto poder heurístico para promover espacios democráticos plurales.

**Palabras clave:** Alteridad. Acto ético. Diálogo. Heterodiscurso. Feminismo dialógico.

### Considerações iniciais

Em seu discurso na Women's Rights Convention em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851, a feminista negra Sojourner Truth questionava o que era na época considerado "ser mulher". Truth assinalava que, diferentemente das mulheres brancas, ela trabalhava o mesmo que um homem, poderia comer tanto quanto um homem, mas não era tratada com as cortêsias recebidas pelas mulheres brancas. Nessa perspectiva, perguntava: "e eu não sou uma mulher?".

O conceito de mulheridade, a definição do que é ser mulher, vem sendo, há tempos, debatido por diversas feministas. Simone de Beauvoir inicia o segundo volume de sua obra *O Segundo Sexo*, publicada originalmente em 1949, afirmando que "ninguém nasce mulher: torna-se mulher" (BEAUVOIR, 2009[1949], p. 361). Esse famoso enunciado de Beauvoir diz respeito à sua defesa ao fato de que a definição do que é ser mulher não advém de sua biologia, nem está inscrita em sua mente, ou é posta por critérios econômicos, e responde a fatos que muitos estudos

científicos discutiam na época. Na Biologia, eram desenvolvidas pesquisas sobre o determinismo biológico, o qual, utilizando o pretexto científico, criava estereótipos de inferioridade cerebral das mulheres e os utilizava como forma de dominação social. Na Psicanálise, Sigmund Freud, por exemplo, em 1925, defendia, em seu texto "Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos", que

não devemos nos permitir ser desviados de tais conclusões [de que as mulheres têm inveja dos homens pelo fato de não possuírem falo e, por isso, sentem-se inferiores] pelas negações dos feministas, que estão ansiosos por nos forçar a encarar os dois sexos como completamente iguais em posição e valor (2011 [1925], p. 287).

Na História e nas Ciências Econômicas, era debatida a divisão sexual do trabalho, tratada, até mesmo em estudos marxistas, como algo natural.

Embora já tenham se passado 170 anos do discurso de Sojourner Truth e mais de 70 anos desde a publicação de *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, ainda vemos como permanece atual a discussão por elas propostas sobre a chamada questão das mulheres. "O que é ser mulher?" segue sendo uma pergunta feita em inúmeras obras feministas. Nesse contexto, vemos que as variadas teorias feministas apresentam diversas definições, uma vez que se encontram em diferentes lugares epistemológicos e possuem distintas orientações sociais.

A partir desse grande diálogo sobre o que é "ser mulher", foram desenvolvidos inúmeros conceitos e teorias no arcabouço feminista, orientados para a não homogeneização desse grupo social. Como exemplos, apontamos a interseccionalidade, o lugar de fala, a teoria do ponto de vista, o conceito de saberes localizados, o feminismo negro, o feminismo decolonial, o feminismo dialógico, entre outros. Todos esses conceitos/teorias observam o papel essencial da linguagem e do discurso para a luta feminista, uma vez que percebem que diversos pontos de vista e vozes sociais a compõem.

A interseccionalidade propõe que a interação entre diferentes marcadores sociais, como gênero, classe, raça, entre outros, influencia as

vivências de cada indivíduo na sociedade. Essa questão começou a ser debatida pela já citada Soujourner Truth, em 1851, quando questionou a universalidade de “ser mulher”, sendo aprofundada a partir dos anos 1970 por feministas negras, como a estadunidense Patrícia Hill Collins e as brasileiras Lélia Gonzales e Sueli Carneiro, que já pensavam “o que era ser mulher negra no contexto do feminismo branco hegemônico da época” (CARNEIRO apud AKOTIRENE, 2019, p. 58).

No entanto, o termo foi sistematizado apenas em 1989 pela advogada e defensora dos direitos civis estadunidense Kimberlé Crenshaw no artigo “Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics”. De acordo com a pesquisadora brasileira Carla Akotirene em seu livro *Interseccionalidade*,

o termo demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras (2019, p. 35).

A interseccionalidade vem do conceito matemático de intersecção, que representa aquilo que pertence a mais de um conjunto ao mesmo tempo. Como mostra Carla Akotirene, embora a categoria tenha surgido na esfera jurídica, o que é criticado por feministas adeptas ao abolicionismo penal, como Angela Davis, o conceito de intersecção

[...] permite às feministas criticidade política a fim de compreenderem a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça e às opressões estruturantes da matriz colonial moderna da qual saem (AKOTIRENE, 2019, p. 24).

A partir de tais apontamentos, percebemos que a interseccionalidade é uma articulação metodológica conceitual que tem relação com a questão da identidade e da alteridade, que diz respeito ao lugar social ocupado pelas mulheres e às múltiplas

violências sofridas devido a fatores estruturais. A interseccionalidade demarca a diferença e busca o direito à existência e à equidade, dialogando com o conceito de lugar de fala, proposto pelo feminismo negro e pela teoria do ponto de vista. De acordo com Djamilia Ribeiro, em seu livro *Lugar de fala*, “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização dos saberes consequente da hierarquia social” (2019, p. 64).

O conceito de lugar de fala, também surgido na defesa da multiplicidade de vozes sociais e da complexidade da categoria “mulher”, considera que, em diversas esferas, algumas vozes são legitimadas, enquanto outras são silenciadas, sendo importante dar visibilidade linguística às vozes silenciadas, o que só é possível se considerarmos a posição social ocupada por quem fala. Essa marcação do lugar social é pensada em muitas obras, como *Pode o subalterno falar?*, da indiana Gayatri Spivak, *Memórias da plantação*, da feminista negra portuguesa Grada Kilomba, e em vários textos da filósofa brasileira Lélia Gonzalez.<sup>2</sup> O lugar de fala também propõe descolonizar o conhecimento hegemônico, dando visibilidade a vozes subalternizadas, assim como a teoria dos saberes localizados, proposta por Donna Haraway em seu artigo “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial” (1995 [1988], p. 33), em que defende que “O único modo de encontrar uma visão mais ampla é estando em algum lugar em particular”, que independe de questões de identidade, sendo a visão e a “objetividade como racionalidade posicionada” (HARAWAY, 1995 [1988], p. 33) as bases ontológicas para a epistemologia feminista.

O feminismo dialógico, enquanto teoria, metodologia e práxis, foi proposto primeiramente pela socióloga colombiana Lúcia Puigvert, na obra *Las otras mujeres*, de 2001, a partir de reflexões de Paulo Freire e Jürgen Habermas. Na obra,

<sup>2</sup> Indicamos os textos “Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher”, “Por um feminismo afro-latino-americano” e “A mulher negra no Brasil”, presentes na coletânea *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*, organizada por Flavia Rios e Márcia Lima (2020).

Puigvert parte de duas concepções feministas do século XX, o feminismo da igualdade e o feminismo da diferença, para apresentar sua proposta de um feminismo que compreenda a igualdade da diferença, através do diálogo plural e da solidariedade entre as mulheres.

A filósofa brasileira Márcia Tiburi também vem acrescentando importantes subsídios ao feminismo dialógico. Suas discussões sobre o tema são apresentadas em diversos artigos e palestras e em seu livro *Feminismo em comum: para todas, todes e todos* (2019) e versam principalmente sobre o combate a práticas excludentes e desigualdades sociais empreendidas pelo feminismo, apresentando o feminismo dialógico como

[...] uma formulação que visa dar conta de uma abordagem ético-política do feminismo favorecendo a compreensão de seu caráter processual no tempo e no espaço geopolítico, bem como do seu caráter coletivo, pragmático e transformador (TIBURI, no prelo, p. 1).

É a partir dessas premissas que escrevemos este artigo. Ao reconhecermos a necessidade de um feminismo dialógico, que quer que todas as vozes sejam escutadas e respeitadas em suas diferenças e singularidades, visamos desenvolver uma reflexão a partir do cotejamento de ideias propostas por Lídia Puigvert e Márcia Tiburi sobre o feminismo dialógico com alguns conceitos propostos por Mikhail Bakhtin, como diálogo, relações dialógicas, heterodiscurso, posições axiológicas, ato ético, alteridade e excedente de visão, verificando de que modo o pensamento bakhtiniano pode colaborar para um feminismo dialógico.

### O feminismo dialógico e o pensamento bakhtiniano: possíveis contribuições

Marcia Tiburi, em *Feminismo em comum: para todas, todes e todos* (2019, p. 8), propõe que se entenda o feminismo como "potência transformadora", uma "ação ético-política responsável" (TIBURI, 2019, p. 9) que pressupõe o combate a práticas excludentes e desigualdades sociais. O feminismo, desse modo, instaura-se como o desejo por uma "democracia radical voltada

à luta por direitos daqueles que padecem sob injustiças que foram armadas sistematicamente pelo patriarcado" (TIBURI, 2019, p. 12).

Nessa perspectiva, o feminismo ocupa-se das "minorias políticas", que, no entendimento de Tiburi (2019, p. 113-114), correspondem aos corpos marcados, contra os quais o poder se insurge, com o intuito de dominar e subjugar, como é o caso do trabalhador no capitalismo, do negro na questão racial, das "formas de sexualidades no regime do contrato sexual e do gênero no padrão heteronormativo". A consciência dessa objetificação do outro "levou a um ato de contra-marcação politicamente produtivo" voltado para "a reivindicação de direitos": "hoje as mulheres se autoafirmam como categoria política, bem como as mulheres negras, os negros, as lésbicas, os surdos [...] os quilombolas, os moradores de rua, os sem-terra, os indígenas, os deficientes físicos" etc.

A entrada na esfera política, conforme Tiburi (2019, p. 114), somente acontece "quando se quebra a blindagem do poder", instaurando a luta política, sempre a ser reafirmada. Nesse processo, cada indivíduo responde por uma categoria. Por exemplo, um cacique fala de si como indígena para se fazer entender pelos não indígenas; as mulheres e feministas, combatendo a ordem dita "natural" do que foi imposto pela sociedade patriarcal sobre elas, "falam de si com intenção política e didática" de fazerem-se entender pelo outro (TIBURI, 2019, p. 114).

Tal dinâmica sustenta a ideia de "lugar de fala" e "lugar de escuta", duas dimensões importantes para se pensar no "feminismo dialógico como encontro das lutas" (TIBURI, 2019, p. 53). No que tange ao lugar de fala, diz-se da sustentação da singularidade, a expressão da "existência de cada um como um ser de diferença", o direito de existir como se é (TIBURI, 2019, p. 114). Essa perspectiva impõe a relação com o outro e o reconhecimento do lugar de fala pelo outro, implicando um lugar de escuta. Enquanto o lugar de fala "expressa um desejo de espaço e tempo contra uma ordem que favorece uns em detrimento de outros" (TIBURI, 2019, p. 56), o lugar de escuta, no processo

político, reclama que os sujeitos que detêm o privilégio da fala experimentem, com urgência, essa posição de escuta.

A urgência dessa posição de escuta também é considerada por Lídia Puigvert, que propõe, como uma das principais tarefas do feminismo dialógico, principalmente nas esferas acadêmicas, ouvir as "Outras mulheres" e dialogar com elas. Nessa dimensão, são contempladas todas aquelas que têm sido deixadas à margem de nossos discursos e lutas feministas por não serem acadêmicas ou por pertencerem a uma minoria cultural (PUIGVERT, 2001b). Desse modo, segundo a autora, será possível um feminismo dialógico, "baseado no diálogo entre mulheres de diferentes culturas, idades, níveis acadêmicos, orientação sexual etc., com o objectivo de avançar na luta pela superação das desigualdades sociais existentes" (PUIGVERT; RUIZ, 2003, p. 45-46). Isso porque, na definição de Puigvert,

O feminismo dialógico é uma proposta que pretende gerar importantes laços de solidariedade que permitam transformar nossas relações de gênero e desenvolver elementos teóricos que nos sirvam para impulsionar um feminismo que seja protagonista do Século XXI (PUIGVERT, 2001b, p. 55, tradução nossa).<sup>3</sup>

Nessa perspectiva, de acordo com Puigvert (2001b), para um feminismo dialógico realmente transformador, é essencial que estabeleçamos laços de solidariedade e, para que sejam criados tais laços, é necessário o reconhecimento das nossas diferenças, das nossas lutas, dos nossos posicionamentos axiológicos. Conforme Tiburi (2019, p. 43), é fundamental também o diálogo entre os diferentes feminismos, pois "todo feminismo é particular e geral ao mesmo tempo" e todo feminismo estabelece relações dialógicas e dialéticas com outros feminismos. Portanto, o feminismo dialógico pode ser um caminho, em construção permanente, para um feminismo comum e singular, respeitando todos os feminismos

possíveis de outras mulheres, solidarizando-se com todas as lutas empreendidas pelos múltiplos feminismos.

A luta, para Tiburi (2019, p. 53), trata do afeto como algo que "anima, inspira e instiga" a politização, por isso a luta é uma ação política e poética (criação) que, numa democracia, pressupõe variados espaço de fala e o respeito às diferenças. Nessa perspectiva, tomamos a reflexão de Chantal Mouffe (2010) sobre a democracia pluralista que, questionando políticas hegemônicas como uma ordem natural em determinado tempo-espaço, propõe uma ordem social que pressupõe dinamicidade, acordo circunstancial, sempre passível de revisão e discussão. Nessa ordem social, os antagonismos (relação entre inimigos) sempre podem ser transformados em uma ordem diferente, ancorada em uma confrontação agonística (relação entre adversários, não inimigos), cujos projetos divergentes promovam a coabitação de diferentes pontos de vista (LÓPEZ-MUÑOZ; DI FANTI; MALCORRA, 2020).

Podemos pensar, com Mouffe (2005, 2010), nas bases de uma sociedade democrática, que reconhece o pluralismo de valores, em que o dissenso, o conflito, as divergências, próprias da vida, não são apagados, nem combatidos, mas sim são assumidos como constitutivos da existência. A interação, em clima de tolerância, entre opostos é condição para "uma democracia radical, autêntica e, portanto, como acreditamos, a condição ideal para acabar com práticas intolerantes" (LÓPEZ-MUÑOZ, DI FANTI, MALCORRA, 2020, p. 3).<sup>4</sup> Esse entendimento vem ao encontro da perspectiva dialógica bakhtiniana, que se volta para discutir conflitos e tensões próprios da vida vivida em sua pluralidade e singularidade.

Abordar o feminismo dialógico, considerando as contribuições bakhtinianas, por conseguinte, requer que problematizemos a questão do diálogo de modo a desenvolver aspectos dos pressu-

<sup>3</sup> Do original: El feminismo dialógico es una propuesta que pretende generar importantes lazos de solidaridad que permitan transformar nuestras relaciones de género y desarrollar elementos teóricos que nos sirvan para impulsar un feminismo que sea protagonista del Siglo XXI.

<sup>4</sup> Aprender com a diferença, de acordo com Lilia Schwarcz, em *Sobre o autoritarismo brasileiro* (2019, p. 221), é "uma regra de ouro de cidadania e faz parte do fortalecimento das bases democráticas da sociedade brasileira". Já o incentivo à intolerância trabalha pela divisão social e caminha contra o bem comum.

postos que dão sustentação a essa perspectiva filosófica do discurso, que olha a vida e a língua em complexa integridade. Essa relação orgânica é reiterada em diferentes obras de modo a focalizar o discurso em sua concretude, não como uma abstração linguística. Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin observa que o discurso é "a língua em sua integridade concreta e viva, e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração" (2010a, p. 207). O filósofo da linguagem dá ênfase a uma abordagem metalinguística que, embora não ignore a linguística, devendo com ela completar-se, mas "não se fundir", tem como objeto as relações dialógicas, que "são irredutíveis às relações lógicas [...] que *por si mesmas* carecem de momento dialógico" (BAKHTIN, 2010a, p. 207, 209).

Em "O discurso no romance" (BAKHTIN, 2015, p. 48-49, 63), diferentes designações, como "discurso vivo", "discurso concreto (enunciado)", "enunciado vivo" e enunciado concreto, orientam para a vivacidade da língua em suas assimilações ideológicas correspondentes à "vida social viva", em sua historicidade, o que revela "uma pluralidade de universos concretos, de horizontes verboideológicos sociais", constituídos por "conteúdos semânticos e axiológicos" sempre singulares. A língua, desse modo, é

uma opinião concreta e heterodiscursiva sobre o mundo. Todas as palavras exalam uma profissão, um gênero, uma corrente, um partido, uma determinada pessoa, uma geração, uma idade, um dia e uma hora. Cada palavra exala um contexto e os contextos em que leva sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções. Em essência, a língua como concretude socioideológica viva, como opinião heterodiscursiva situa-se, para a consciência individual, na fronteira entre o que é seu e o que é do outro (BAKHTIN, 2015, p. 69).

Seguindo esse raciocínio, de acordo com Bakhtin (2010a, p. 47), "onde começa a consciência começa o diálogo". As relações dialógicas "penetram toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo que tem sentido e importância". Desse modo, as relações dialógicas são fundamentais para a "compreensão e interpretação da vida e dos atos

do [ser]", tendo em vista, especialmente, a luta contra o mecanicismo, fisiologismo, formalismo abstrato etc. Assim, as relações dialógicas (relações de sentidos) são observáveis não só entre enunciações integrais em diferentes matérias signíficas, mas também em qualquer parte do enunciado, como uma palavra isolada, desde que nela possamos ouvir a voz do outro, o choque dialógico de vozes.

Para Bakhtin (2015), portanto, o diálogo não se reduz à forma composicional de construção do discurso, às réplicas entre interlocutores, e muito menos é voltado para a resolução de conflitos, como se poderia entender no senso comum. O diálogo, pelo contrário, é constitutivo de todas as manifestações discursivas, verbais e não verbais (diferentes semioses), ao inscrever-se como uma "dialogicidade interna do discurso" (BAKHTIN, 2015, p. 52, grifo do autor) que, independentemente de sua forma de composição, "penetra toda a sua estrutura, todas as camadas dos seus sentidos e da sua expressão" (BAKHTIN, 2015, p. 52). Essa dialogicidade, além de não se esgotar, pressupõe uma constitutiva relação de tensão entre discursos: "todo discurso concreto (enunciado) encontra o objeto para o qual se volta sempre, por assim dizer, já difamado, contestado, avaliado, envolvido [...]" (BAKHTIN, 2015, p. 48). Esse processo revela um "meio dialogicamente agitado e tenso de discursos, avaliações e acentos alheios", em que os entrelaçamentos se dão em complexas relações mútuas, fundindo-se com uns, afastando-se de outros, cruzando-se com terceiros (BAKHTIN, 2015, p. 48-49).

Tais reflexões podem ser associadas ao feminismo dialógico, para quem "todo feminismo está, na lógica da presença, ligado a outro feminismo; todo feminismo está em relação dialética, em tensão com o outro" (TIBURI, 2018, p. 45). Por essa perspectiva, "o feminismo de cada uma entra em jogo com os feminismos possíveis das outras, os feminismos pré-existentes e que se recriam, replicam, redefinem tempos e espaços" (TIBURI, 2018, p. 45). Segundo Tiburi (2019, p. 45), "a dialogicidade do feminismo refere-se a essa presença concreta das diferenças", portanto,

essas diferentes mulheres, com todas as suas singularidades, buscam a superação da desigualdade de gênero, por meio de um feminismo dialógico que respeita as diferenças entre si.

No que diz respeito à reflexão bakhtiniana, considera-se que, em todo enunciado vivo, há um complexo jogo entre presença e ausência, em que uma dimensão não apaga a outra, já que o discurso emerge da interação dinâmica e tensa com a palavra do outro, não podendo "deixar de tocar milhares de linhas dialógicas vivas envoltas pela consciência socioideológica no entorno de um dado objeto da enunciação" e não deixando "de ser participante ativo do diálogo social" (BAKHTIN, 2015, p. 49). O enunciado concreto, relacionado ao feminismo dialógico, portanto, surge do diálogo, como uma réplica, uma resposta, que, não deixando de se relacionar aos enunciados precedentes, se liga aos futuros (respostas e perguntas suscitadas) numa cadeia ininterrupta, formadora e transformadora de sentidos.

Nesse jogo de entrelaçamentos de discursos, resgatamos o conceito de heterodiscurso, também conhecido como plurilinguismo e heteroglossia, para o cotejarmos ao feminismo dialógico.<sup>5</sup> O heterodiscurso (diversidade de discursos) corresponde à diversidade de vozes sociais que sempre estão dialogadas, em menor ou maior grau, estabelecendo contato e tensão entre pontos de vista, visões de mundo, posições axiológicas.<sup>6</sup> Para o pensador russo, o heterodiscurso dialogado, reiteramos a dialogização como seu atributo fundamental, é o "autêntico meio da enunciação, no qual ela se forma e vive", o que significa dizer que esse meio, perpassado por uma pluralidade de discursos em inter-relação, constitui e movimenta as enunciações. Assim, o sujeito, ao enunciar, reverbera em seu discurso uma diversidade de vozes que se cruzam, sendo uma parcela voltada para o movimento de centralização verboideológica – as forças

centrípetas – e outra parcela para o movimento de descentralização – as forças centrífugas (BAKHTIN, 2015, p. 42).

Na inter-relação constitutiva entre diferentes discursos, empreendem-se embates entre pontos de vista, vozes sociais axiológicas, o que remete ao encontro das lutas no feminismo dialógico proposto por Tiburi (2018, 2019). Podemos entender esse encontro das lutas como um encontro dialógico ao trazer em si a diversidade de pontos de vista axiológicos. Se, por um lado, o feminismo põe em movimento falas e escutas no amplo campo do jogo de linguagem das políticas democráticas, por outro, enfrenta os cenários autoritários comuns ao patriarcado (TIBURI, 2018, p. 7). Nesse embate entre vozes socioideológicas que alimenta o heterodiscurso dialogado e a intersecção de forças centrípetas e centrífugas, podemos observar a aproximação entre o feminismo dialógico, a democracia pluralista e o pensamento bakhtiniano, em que não se busca acabar os conflitos, o dissenso, mas sim se quer que todos sejam respeitados em sua diferença, em sua singularidade.

O feminismo, para Tiburi (2018, p. 5), ao preservar as diferentes presenças, orienta-se para "a defesa da singularidade das pessoas". Essa posição tem sustentação em uma democracia profunda, que enfrenta "a questão dos direitos das mulheres e avança pondo em questão a urgência dos direitos de todos que sofrem sob jugos diversos em cenários em que o poder do capital estabelece toda forma de violência, das mais sutis às mais brutais".

O reconhecimento das diferentes singularidades, seguindo o pensamento de Bakhtin (2003a, p. 348) em "Reformulação do livro sobre Dostoiévski", põe em relevo a natureza dialógica da vida humana em sua concretude e em permanente devir, não permitindo qualquer coisificação do ser, pois o *eu* existe em correlação a outros indivíduos (*eu* e *outro*). Nessa dinâmica,

<sup>5</sup> Como explica Paulo Bezerra, tradutor do ensaio "O discurso no romance", heterodiscurso é a tradução atribuída à palavra russa *raznoréchie*, comumente traduzida no Brasil como "plurilinguismo" e "heteroglossia" (BAKHTIN, 2015, p. 29).

<sup>6</sup> Conforme Bezerra (2015, p. 27), o heterodiscurso bakhtiniano inclui dialetos sociais, linguagens de gêneros, de gerações, de tendências, de partidos, de autoridade, de dias sociopolíticos etc. Em síntese, o heterodiscurso social "traduz a estratificação interna da língua e abrange a diversidade de todas as vozes socioculturais em sua dimensão histórico-antropológica".

o ser "participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos", ou seja, em sua inteireza, complexidade e singularidade. Sendo a vida dialógica por natureza, implica dizer que "viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder etc." num contínuo confronto entre posições valorativas próprias do dinamismo da vida vivida. A linguagem, desse modo, em suas manifestações verbais e não verbais, "entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal" que, não permitindo o fechamento do pensamento e da vida, instaura um "diálogo inconclusível".

Assim como a teoria bakhtiniana propõe um caráter aberto, inconcluso do diálogo, o feminismo também tem esse caráter aberto, que, para Tiburi (2018, p. 4), "incomoda muita gente", especialmente aqueles que têm medo do seu caráter transformador em relação ao estabelecido. Como afirma Bakhtin (2017, p. 79), em "Por uma metodologia das ciências humanas", "não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico" tanto para o passado quanto para o futuro. "Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação" (BAKHTIN, 2017, p. 79). Nesse movimento inacabado, a palavra viva, dialógica, quer ser ouvida, respondida e reapreciada, uma vez que toda palavra se dirige a alguém, tem um projeto enunciativo de um sujeito que responde a enunciados passados e suscita respostas.

A palavra é responsiva, e o ser não pode ser tolhido de sua expressão, o que remete ao feminismo dialógico que se volta para o resgate e conquista dos direitos de *todas*, *todes* e *todos*. "*Todas* porque quem leva essa luta adiante são as mulheres. *Todes* porque o feminismo liberou as pessoas de se identificarem somente como mulheres ou homens", abrindo espaço para outras expressões de gênero. "*Todos* porque luta por certa ideia de humanidade" que considera que os homens também devem ser incluídos em um processo democrático (TIBURI, 2019, p. 11, grifos da autora). Contemplar os diferentes lugares de fala é também contemplar a interação tensa com

a palavra do *outro*, que, para Bakhtin (2003a, p. 348), pode ser observada pelo "*diálogo inconcluso*", marcado pela interdependência entre o *eu* e o(s) *outro(s)*. Nesse processo relacional, "ser significa *conviver*", "viver com", o que pressupõe o dialogismo e a alteridade como constitutivos das relações humanas.

Conviver significa, também, encontrar possíveis aliadas. Segundo Tiburi (2019, p.39), "a misoginia é o discurso do ódio especializado em construir uma imagem visual e verbal das mulheres como seres pertencentes ao campo do negativo" e ela está associada à imagem da mulher louca, histérica, em que não se pode confiar. Essa imagem, criada e cristalizada pelo patriarcado, estabeleceu-se para abalar a relação das mulheres entre si, já que, se as mulheres se unirem, confiando em si mesmas e nas outras, podem enfraquecer o próprio patriarcado, pois, quando uma mulher reconhece o seu potencial e o das outras mulheres também, torna-se muito mais forte.

O feminismo dialógico proposto por Lídia Puigvert também considera que compreender a alteridade é um passo essencial para uma práxis feminista realmente transformadora. Puigvert propõe que sejam reconhecidas e ouvidas as "Outras mulheres", que, por algum motivo, não participam da esfera acadêmica e de outras esferas de poder. Conforme Lídia Puigvert e Alice Ruiz afirmam no artigo "Teoria feminista do século XXI: as vozes das outras mulheres", "perante uma sociedade cada vez mais dialógica, é necessário um feminismo baseado no diálogo que fomente a solidariedade entre todas as mulheres" (PUIGVERT; RUIZ, 2003, p. 49). Desse modo, para um feminismo dialógico, no qual diversas vozes sociais convivam em sua singularidade, é necessário nos aliarmos a outras lutas, como mostra Tiburi, escutarmos as outras mulheres, como defende Puigvert, colocando-as em um lugar de sujeito, e observarmos as relações de alteridade nos embates empreendidos, como observa Bakhtin.

A questão da alteridade remonta à relação indissociável entre o *eu* e o *outro*, tendo em vista que cada um ocupa um lugar único, um centro



de valor concreto, responsivo e responsável, que institui uma alteridade constitutiva produtora de sentidos em determinadas condições sócio-históricas. Entre o *eu* e o *outro*, dois centros de valores (centros axiológicos) que se dispõem em relações tensas, já que um não coincide com o outro, instaura-se o ato ético, um evento fundado no ser em suas múltiplas inter-relações.<sup>7</sup>

Nessa dinâmica de interdependência e contraposição entre o *eu* e o *outro*, basilar para a constituição do sujeito, cada um é inteiro e, ao mesmo tempo, está em processo, em permanente devir, o que remete à complexidade do objeto das ciências humanas: "o ser *expressivo* e *falante*" (BAKHTIN, 2017, p. 59, grifo do autor). Essa perspectiva pressupõe que o "ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado", o que acarreta, pelo menos, três implicações: (i) a inesgotabilidade do ser, ou seja, o ser não pode ser objetificado; ele é ativo e responsivo; (ii) a insubstituibilidade do ser, isto é, cada um é único na existência (em suas múltiplas relações dialógicas), e o seu lugar não pode ser ocupado pelo outro; e (iii) a não generalização do ser, pois é somente no evento do ato concreto, por uma relação participante, que é possível aproximar-se do ser em sua integridade.

Por essa perspectiva filosófica, podemos verificar contribuições para o feminismo dialógico, como é o caso do necessário respeito ao *outro* como centro de valor tão importante quanto o *eu*, ou ainda, o *outro* como condição para a existência do eu. Essa visão bakhtiniana se alinha ao feminismo, o qual tem em suas bases a preocupação de transformar o modo como se vê o *outro*, especialmente quando esse *outro* é marcado como diferente do que seria esperado por um padrão criado de normalidade. Para Tiburi (2018, p. 8), a interseccionalidade "leva a pensar que toda luta é luta quando é luta com o outro" (os diferentes *outros*) e, além disso, "a luta é lugar de todos, ou seja, presença da diferença que instaura a dialogicidade" (TIBURI, 2018, p. 8).

A relação *eu* e *outro* na história do feminismo ganha relevância com Simone de Beauvoir (2009 [1949], p. 17), que questiona o lugar dado à mulher como o *segundo sexo*, tendo como referência central o homem (o *primeiro sexo*). O homem seria o sujeito e a mulher o *outro*, "o inessencial perante o essencial". Contestando essa visão patriarcal equivocada, que reproduz uma hierarquia entre os sexos, a filósofa mostra que "a alteridade é uma categoria fundamental do pensamento humano", já que nenhuma coletividade pode se definir como "Uma sem colocar imediatamente a Outra diante de si", o que dá um estatuto de reciprocidade à relação (qualquer que seja ela).

Essa reciprocidade, que dá sustentação à importância do *eu* e do *outro*, como centros de valores, sem transcendência, questiona visões reducionistas, generalizantes e preconcebidas impostas pelo patriarcado, sistema dogmático de crenças a ser desconstruído pelo feminismo dialógico. O patriarcado, segundo Tiburi (2019, p. 27), enraizado na cultura e nas instituições, visa naturalizar as segregações, como a dita "superioridade masculina" e a "inferioridade das mulheres", o que convoca o fortalecimento do feminismo como capacidade de lutar contra os sistemas de opressão a que estamos inseridos. Nesse sentido, o feminismo com seu caráter transformador contesta formas de poder instauradas pelo patriarcado e pelo capitalismo, que privam as pessoas de sua expressão ao serem avaliadas por uma visão conservadora ou pela força de trabalho. Por isso, pensar com Tiburi (2019, p. 40) o feminismo como um "contradispositivo, uma espécie de agulha que fura essa bolha", é resgatar um lugar singular de cada um na existência e propor uma transformação voltada para uma democracia plural.

Essa forma de resistência pode ser observada a partir da relação *eu* e *outro* proposta por Bakhtine (2003), que, ao estabelecer dois centros de valores que instauram complexas inter-relações constitutivas, põe em relevo as seguintes

<sup>7</sup> Parte das reflexões sobre alteridade e ato ético responsável foi desenvolvida em *Notas sobre a alteridade em Bakhtin* (DI FANTI, 2020), que se basearam em diferentes traduções do livro *Para uma filosofia do ato*, tendo em vista as particularidades encontradas nas versões em francês (BAKHTINE, 2003), espanhol (BAJTIN, 1997) e português (BAKHTIN, 2010).

dimensões do processo alteritário: *eu-para-mim* (como *eu* me vejo), *outro-para-mim* (como *eu* vejo o *outro*) e *eu-para-o-outro* (como o *outro* me vê). A partir dessas dimensões, podemos considerar as inter-relações constitutivas da assunção do lugar, enquanto posição axiológica, de mulher, de feminista, como um lugar de fala de uma classe, ponderando que quando "lutamos por um lugar de fala, lutamos pelo lugar de todos" (TIBURI, 2019, p. 54-55). Esse lugar de fala exige um lugar de escuta, o qual pode ser ocupado por vários outros.

Tais perspectivas revelam que cada um vê a si próprio e ao *outro* de uma perspectiva única, sempre renovada em um dado cronotopo (espaço-tempo singular). Por isso, na interdependência entre o *eu* e o *outro*, o *outro*, um ser em processo (como o *eu*), não pode ser reduzido a uma versão acabada como quer o patriarcado e o capitalismo. São diferentes lugares de falas e de escuta ocupados dinamicamente. Nessa relação, a diferença não apenas é constitutiva e matriz do movimento dos sentidos, mas também tem de ser reconhecida em sua complexidade.

Nessa perspectiva, retomamos Tiburi (2018, p. 7), para quem o feminismo é um "contradiscurso"<sup>8</sup> em relação a instituições que, representantes do patriarcado, essencializam o feminino e as mulheres, como é o caso de parte da mídia, igreja, família e capital. Por essa resposta reativa, vozes feministas, antirracistas e em luta de classes manifestam-se contra a "pretensão neutralidade da sociedade patriarcal, ela mesma uma grande propaganda, um sistema de autoelogio acerca de si mesma". Tal sociedade contesta o uso do termo feminismo como uma posição ameaçadora ao que seria um estado natural das coisas, "a verdade" inquestionável imposta pelo patriarcado com sua "violência simbólica e física contra as mulheres".

Para o pensamento bakhtiniano, esse tipo de generalização remete à herança do racionalismo, que, sobrepondo uma espécie de verdade universal [*listina*] a uma verdade particular [*pravda*],

deve ser combatida. Essa postura exige que compreendamos o ato singular e concreto em sua realização efetiva. A verdade de um acontecimento, para Bajtin (1997, p. 53), "não é uma verdade de conteúdo idêntico igual a si mesma [*listina*], mas a posição única e pensada de cada participante [*pravda*], a verdade de seu dever ser concreto e real". Bakhtine (2003, p. 18-19) propõe que se observe o ato ético e responsável do ser-evento em sua *totalidade* viva, isto é, em sua concretude, contestando, portanto, a dissociação entre generalizações (abstrações, teorizações) e a vida vivida.

Somente o ato responsável é capaz de superar a perniciosa separação e não interpene-tração, de um lado, da unidade objetiva de um domínio cultural e, de outro, da singularidade não reproduzível da vida experienciada. É no evento único do ser, um ato singular, situado em um contexto histórico-social, que essa unidade pode se constituir, fazendo emergir as diferenças dialeticamente, num permanente movimento de tensão e confronto. Tais apontamentos suscitam, por conseguinte, a discussão sobre a importância do pensamento *participativo*, que, de acordo com Bajtin (1997, p. 15), deve considerar o ser como historicamente real e singular, que é maior e tem mais peso do que categorias teóricas generalizantes, não podendo, por isso, ser definido aprioristicamente.

Essa reflexão, aliada ao feminismo, auxilia a pensar sobre o combate a formas de opressão, já que o feminismo é um fazer, uma

ação que põe em cena o desejo daquelas que, sendo mulheres no mais amplo sentido dessa palavra, sem perder de vista que 'mulher' é uma marcação do patriarcado, lutam contra o seu encarceramento, sua domesticação, sua escravização e sua docilização (TIBURI, 2018, p. 3).

Pela perspectiva bakhtiniana, o ser não tem *álibi*, o que significa dizer que cada um é inteiramente responsável por seus atos, não haven-

<sup>8</sup> Para o Círculo de Bakhtin, todo discurso é um contradiscurso, uma contrapalavra, no sentido de entrar em confronto com o discurso do outro, já que o discurso advém de um centro de valor singular, sempre diferente do outro. Portanto, o discurso é sempre resposta, entra em tensão com o outro, podendo aliar-se ou contrapor-se a ele em parte ou totalmente. Por isso, no texto reiteramos como "resposta reativa".

do qualquer possibilidade de eximir-se da sua existência concreta e de seu lugar insubstituível.

O ato humano, um ato ético e responsável, pressupõe uma atividade participativa, axiológica e dialógica do ser, que "representa a realização de uma decisão, de um modo já irreversível, irremediável e irrecuperável" em sua singularidade e irrepetibilidade (BAJTIN, 1997, p. 37). O ato, portanto, pode ser, por um lado, um ato democrático, que respeita as relações de alteridade, como se busca pelo feminismo dialógico e, por outro, um ato misógino, por exemplo, que não respeita as relações de alteridade e, por isso, tem que ser enfrentado. Em qualquer dos atos, o ser não tem alibi, ou seja, é responsável por sua existência e tem o dever de realizar sua singularidade.

É de forma ética, democrática, respeitando o direito à fala das diversas vozes sociais, que, como afirma Puigvert (2001b), o feminismo dialógico propõe às mulheres que pesquisam e escrevem sobre o feminismo nas esferas acadêmicas que deixemos de nos sentir possuidoras exclusivas do conhecimento feminista e compartilhemos este espaço com as outras mulheres. Essa partilha, revolucionária e enriquecedora, pressupõe que repensemos nossas relações de alteridade, nossos centros de valores. Pressupõe também que estejamos abertas a questionar o cânone, os estilos de linguagem e os lugares de fala na esfera acadêmica a fim de que nossa teoria e nossa prática não sejam contraditórias.

As relações de alteridade, observáveis na relação *eu* e *outro*, são necessárias não só para a constituição do *eu*, mas também para o reconhecimento do *outro* em sua complexidade e singularidade como buscamos com o feminismo dialógico. Para tanto, seguindo Bakhtin (2010b) em "O autor e a personagem na atividade estética", tratamos de dois momentos inseparáveis da contemplação, a empatia e a exotopia. Enquanto a empatia consiste na aproximação ao *outro* de modo a reconhecê-lo em sua particularidade e/ou colocar-se, mesmo que provisoriamente, no seu lugar, a exotopia diz respeito ao distancia-

mento necessário para a produção do conhecimento sobre o *outro* a partir de uma posição axiológica única.<sup>9</sup>

Nessa dinâmica, instaura-se um excedente de visão, condicionado pela singularidade do lugar ocupado, que permite que se veja no *outro*, a partir de um enfoque emotivo-volitivo, o que ele próprio não consegue ver. Para o feminismo dialógico, faz-se necessária essa dinâmica de aproximação e distanciamento para não se correr o risco de ver o *outro* apenas de modo exotópico, sem ter passado pela empatia, que possibilita se aproximar da vida vivida. É no retorno a si mesmo (distanciamento) que o contemplador pode assimilar o material de compenetração em termos éticos e estéticos (BAKHTIN, 2003b). A exclusão da empatia leva a generalizações, estereotipação, visões limitadas, observáveis em práticas misóginas, homofóbicas, racistas etc.

Tiburi (2019) defende que uma das potencialidades do feminismo dialógico é permitir que as mulheres falem de si mesmas sem mistificação, em todas as esferas sociais possíveis, e mostra como isso é necessário para que uma das maiores injustiças do patriarcado, a de "não tornar possível a presença das mulheres na história nem permitir que elas ocupem algum espaço de expressão na sociedade" (TIBURI, 2019, p. 92), seja dissipada. Nessa perspectiva, entendemos que o excedente de visão, ocasionado pelos movimentos alteritários de empatia e exotopia, proposto por Bakhtin (2003b), pode ser uma forma de se encontrar uma poética feminista, na qual o ético entre em relação com o estético, de modo a promover uma "consciência feminista verdadeiramente radical" como deseja Tiburi (2019, p. 97).

De acordo com Bakhtin (2003a, p. 341, 355), nossa consciência é sempre dialógica, uma vez que "eu tomo consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente me revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro". Uma consciência feminista dialógica, portanto, pressupõe que tomemos consciência de nós mesmas, que reflitamos sobre o eu-para-mim,

<sup>9</sup> O movimento de aproximação não configura uma "coincidência com o outro", pois seria a perda do lugar único na singularidade do ser, impossível para essa perspectiva que considera todo ser insubstituível (BAKHTIN, 2010b, p. 62).

o eu-para-o-outro e o outro-para-mim, num processo em que o *eu* não se funda com o *outro*, mas que mantenha “posição própria na distância e no excedente de visão e compreensão a este relacionado” (BAKHTIN, 2003a, p. 341).

Uma consciência feminista dialógica, nesse cenário, implica diferentes enfrentamentos do *eu* e o *outro*, seja o *outro* mulheres (e/ou outros grupos subalternizados) em suas diferentes posições na sociedade, seja o *outro* representantes do patriarcado em suas sutis e/ou escancaradas formas de agir. Ao observarmos as (outras) mulheres, via movimentos de empatia e exotopia e seus excedentes de visão, poderemos acessar variados modos de ser e significar no mundo, desde os mais libertários aos mais subjugados, e, ao mesmo tempo, tomarmos consciência de nós mesmas e do nosso lugar nesse debate de valores.<sup>10</sup> Ao observarmos representantes do patriarcado em seus múltiplos meandros, seguindo os movimentos de alteridade propostos, por um lado, poderemos acessar seus variados funcionamentos nos diferentes eventos da vida e, por outro, ao mesmo tempo, tomarmos consciência do quanto a nossa posição ética, ativa e responsiva pode contribuir para uma sociedade mais justa e menos desigual.

Por conseguinte, a partir de uma consciência feminista dialógica, resultante do embate entre diferentes centros de valores situados histórico-socialmente, e do nosso pensamento participativo, nossos atos, entre eles, nossa construção teórica,<sup>11</sup> nossas pesquisas, nossos discursos, nossas análises a respeito de outras mulheres, de outras teorias, constituir-se-ão ética e responsabilmente, voltados para a promoção de espaços democráticos plurais, em que todas as pessoas tenham lugar de fala e de escuta e sejam respeitadas em suas diferenças e singularidades.

### Considerações finais

Este artigo foi escrito com o objetivo de verificar

possíveis contribuições do pensamento bakhtiniano para um feminismo dialógico, seguindo as reflexões propostas por Márcia Tiburi e Lídia Puigvert. Para tanto, desenvolvemos aproximações entre as abordagens a partir de conceitos, como diálogo, relações dialógicas, heterodiscurso, posições axiológicas, ato ético, alteridade e excedente de visão. Com esse encaminhamento, tendo em vista a reflexão proposta, pudemos perceber o quanto o feminismo dialógico tem um alto poder heurístico para se desenvolver e para promover espaços democráticos plurais, tanto no que se refere à teoria quanto à prática.

Dentre as contribuições levantadas, pudemos verificar que a abrangência da dialogicidade, no feminismo dialógico, se relaciona não apenas à capacidade de escutar e falar e de se colocar em um lugar de interlocução, de respeito, mas também à necessidade do nosso pensamento participante e da nossa participação responsiva e responsável, de modo a compreender o nosso dever em relação às outras mulheres e demais grupos discriminados. Essa postura ética inclui a reflexão sobre a orientação que necessita ser tomada em relação às outras mulheres e a compreensão em relação a nossa singularidade no existir-evento.

Observamos, também, que o ser, objeto de estudo das ciências humanas, é um ser de linguagem, e por meio dela emergem suas posições axiológicas. Se através dos discursos, por um lado, aparecem discriminações (pré-julgamentos que a coletividade faz circular), por outro, deles emanam posições inclusivas, de resistência e luta contra os preconceitos sociais. É nessa perspectiva que o feminismo dialógico pode ser um aporte importante para que sejam observados o nosso lugar e o lugar ocupado pelos nossos interlocutores, bem como sejam analisadas nossas atitudes avaliativas em relação aos nossos objetos e as atitudes avaliativas dos nossos interlocutores, isto é, para que o *eu* e o *outro* sejam pensados enquanto centros de valores dinâmicos de uma

<sup>10</sup> Salientamos que marcamos o feminino por sermos autoras, mas a consciência feminista dialógica estende-se aos diferentes gêneros sociais.

<sup>11</sup> Para Bakhtin (2010b, p. 58-59), a “razão teórica não é senão um momento da razão prática, isto é, da razão decorrente da direção moral de um sujeito único no evento do existir singular”.

arquitetônica concreta.

Sob esse enfoque, os movimentos alteritários de empatia e exotopia, bem como o decorrente excedente de visão, contribuem para o reconhecimento das singularidades e, conseqüentemente, pluralidades. Também são fundamentais para a constituição de uma consciência feminista dialógica, em que a relação *eu* e *outro* revela conhecimento de si próprio e do *outro* de forma a provocar mudanças nos modos de ser e fazer na sociedade.

Por esse viés, esperamos colaborar para a percepção não só das desigualdades sociais como também dos caminhos de intervenção contra as variadas formas de opressão. Se reconhecemos que vivemos tempos em que as pessoas não se escutam, que há um sistema de opressão e poder, temos de refletir sobre como conquistar um lugar de fala ativa e prospectiva e exigir lugares de escuta responsiva e responsável frente a nossas reivindicações.

Essa dinâmica passa, sem dúvida, pela transformação do antagonismo em agonismo, como propõe Mouffe (2005), de modo a instaurar uma política democrática em que o pluralismo de valores e seus conflitos inevitáveis possibilitem a mobilização de paixões da esfera do público em prol de propósitos democráticos. Tal dinâmica, vista pelo pensamento bakhtiniano, traz para cena o heterodiscurso e suas múltiplas vozes sociais, diferentes posições axiológicas, que representam a efervescência latente da vida em suas múltiplas valorações.

Podemos entender que, com a abordagem bakhtiniana, seguindo Stam, se abrem espaços para os "marginalizados e excluídos", respeitando e celebrando a diferença. Por isso, "em vez de expandir o centro para incluir as margens, essa abordagem interroga e desloca o centro a partir das margens" (2010, p. 356). Nesse contexto, por exemplo, o lugar de fala se expande para as diferenças, a fim de interrogar e deslocar a velha soberania patriarcal, a materialização concreta do poder que está autorizada a produzir um discurso que o favoreça, próprio de uma elite econômica, que privilegia o "homem branco falante", considerado por Tiburi (2019, p. 57-58), como "o capital

sexual (da heterossexualidade compulsória), o capital financeiro, o capital social e intelectual, por fim, o capital comunicacional".

As contribuições bakhtinianas para um feminismo dialógico, ainda que reflexões iniciais, iluminam caminhos para um diálogo democrático, para um modo de ser e estar em sociedade no qual prevaleça o conviver, o viver "com" todas as diferenças e todos os conflitos, de modo a promover o encontro de lutas almejado. Nesse encontro, o pensamento bakhtiniano pode oferecer subsídios teóricos e práticos para um feminismo dialógico atento às relações de alteridade em que o ato ético, responsivo e responsável fortaleça o feminismo como luta e, como se quer, ato político, ético e estético, instaurando o encontro dos múltiplos feminismos para todas, todos e todes.

## Referências

- AKOTIRENE, C. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.
- BAJTIN, M. *Hacia una filosofía del acto ético* [1920-1924/1986]. De los borradores y otros escritos. Tradução de Tatiana Bubnova. Barcelona: Anthropos; San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1997.
- BAKHTIN, M. Reformulação do livro sobre Dostoiévski [1961-1962]. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal* [1979]. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003a. p. 337-357.
- BAKHTIN, M. [1922-1924]. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal* [1979]. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003b. p. 3-192.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski* [1963]. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.
- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável* [1920-1924/1986]. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos A. Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010b.
- BAKHTIN, M. O discurso no romance [1930-1936]. In: BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015. p. 19-242.
- BAKHTIN, M. Por uma metodologia das ciências humanas [1975]. In: BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 57-79.
- BAKHTINE, M. *Pour une philosophie de l'acte* [1920-1924/1986]. Tradução de Ghislaine C. Bardet. Paris: Editions L'Age d'Homme, 2003.

BEAUVOIR, S. *O Segundo Sexo* [1949] Tradução de Sérgio Millet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BEZERRA, P. Breve glossário de alguns conceitos-chave. In: BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015. p. 243-249.

CRENSHAW, K. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *University of Chicago Legal Forum*, Chicago, n. 1, p. 139-167, 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=ucf>. Acesso em: 20 abr. 2021.

DI FANTI, M. G. C. Notas sobre a alteridade em Bakhtin. In: DI FANTI, Glória; PASCHOAL, C.; CARDOSO, Daniela; BOENAVIDES, D. et al. (org.). *Círculo de Bakhtin: alteridade, diálogo e dialética*. Porto Alegre: Polifonia, 2020. p. 7-28. Disponível em: <https://www.editorapolifonia.com.br/img/livros/Circulo%20de%20Bakhtin-%20alteridade.%20diálogo%20e%20dialética.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.

FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: FREUD, S. *Obras completas, volume 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos [1923-1925]*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 284-299.

HARAWAY, D. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 22, p.201-246, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a09.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.

LÓPEZ-MUÑOZ, J. M.; DI FANTI, M. G. C.; MALCORRA, B. Discursos (in)tolerantes e democracia pluralista. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 1-8, 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/37655/26134>. Acesso em: 20 abr. 2021.

MOUFFE, C. Politique et agonisme. *Rue Descartes*, Paris, v. 67, n. 1, p. 18-24, 2010. Disponible sur: <https://www.cairn.info/revue-rue-descartes-2010-1-page-18.htm>. Accès dans: 20 abr. 2021.

MOUFFE, C. Por um modelo agonístico de democracia. Tradução de Pablo Sanges Ghetti. *Rev. Sociol. Polit.*, Curitiba, n. 25, p. 11-23, nov. 2005. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/7071>. Acesso em: 17 abr. 2021.

NARVAZ, M. G. KOLLER, S. H. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Revista Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a20.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2021.

PUIGVERT, L. *Las otras mujeres*. Barcelona: El Roure editorial, 2001a.

PUIGVERT, L. Igualdade de Diferenças. In: BECK-GERNSHEIM, E.; BUTLER, J.; PUIGVERT, L. *Mujeres y transformaciones sociales*. Barcelona: El Roure, 2001b. p. 93-107.

PUIGVERT, L.; RUIZ, L. Teoria feminista do século XXI: as vozes das outras mulheres. *Revista Fórum*, Braga, v. 33, p. 45-58, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://revistas.uminho.pt/index.php/forum/article/view/2169/2334>. Acesso em: 11 abr. 2021.

RIBEIRO, D. *Lugar de fala*. São Paulo: Pólen, 2019.

SCHWARCZ, L. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

STAM, R. Bakhtin e a crítica midiática. Tradução de Simone do Vale. In: RIBEIRO, A. P.; SACRAMENTO, I. (org.). *Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 331-387.

TIBURI, M. Feminismo dialógico. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11., 2018, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: UFSC, 2018. p. 1-10.

TIBURI, M. *Feminismo em comum: para todas, todos e todes*. 11 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2019.

TIBURI, M. *Feminismo dialógico: notas para a fundamentação de um projeto epistemológico e ético-político*. No prelo.

---

### Maria da Glória Corrêa di Fanti

Professora-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGL/PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

---

### Débora Luciene Porto Boenavides

Doutoranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGL/PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil, com bolsa do CNPq.

---

### Luciane Alves Branco Martins

Doutoranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGL/PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil, com bolsa da CAPES/PROEX.

---

### Endereço para correspondência

**Maria da Glória Corrêa di Fanti**

**Débora Luciene Porto Boenavides**

**Luciane Alves Branco Martins**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Av. Ipiranga, 6.681, Prédio 9, sala 29  
Partenon, 97010-082  
Porto Alegre, RS, Brasil